

## **Pós-eleição de 2012 na França**

Aldeneide de Almeida Fonseca Maurin

Ao norte do rio Loire, na França, o verão tem quase sempre cara de outono, mas o de 2012 parece menos ensolarado ainda do que nos anos anteriores como se o astro solar estivesse em perfeita adequação com o clima turbulento que atravessa o país: a crise econômica que abala também toda a União Europeia.

Assim, a eleição em 06 de maio de 2012 do presidente socialista François Hollande é vista sem o entusiasmo e a grande esperança de mudança que provocou a de François Mitterrand em 1981. Hollande, o denominado “presidente normal”, alusão ao ex-presidente Nicolas Sarkozy e seu comportamento \*”bling-bling” do início do mandato, pretende, nesse momento, mostrar a capacidade do Estado de agir para dominar a crise e tentar “apaziguar e reconciliar” os franceses.

De fato, além da dívida que atinge 90% do PIB, 10% de desempregados e 70 bilhões de déficit do comércio exterior, François Hollande enfrenta na cena interior vários planos sociais de fechamento de fábricas e supressão de empregos como os 8 mil previstos pela empresa automobilística PSA. Em relação a esse dossiê emblemático, o presidente afirma que o plano de reestruturação como é apresentado pelos dirigentes da empresa é « inaceitável » e deve ser renegociado. Outros planos sociais devem intervir nos próximos meses. O chefe do Estado francês declara que o emprego e a recuperação produtiva e industrial são prioridades absolutas da mesma maneira que a redução da dívida.

Outra intenção do presidente francês é a contenção das despesas e das supressões de cargos em certos ministérios. Malgrado essas medidas, François Hollande recusa a utilizar o termo “rigor” preferindo utilizar o de “esforço justo” já que as categorias sociais favorecidas serão as mais solicitadas durante seu quinquênio e não as “classes médias”. Hollande reitera assim seu compromisso na campanha presidencial de fazer com que os que têm mais paguem mais.

Para aplicar essa política do “esforço justo” os socialistas podem contar com o apoio da maioria absoluta dos deputados, pois do total dos 577 assentos da Assembleia Nacional, o partido socialista e aliados (esquerda) abocanharam 314. O UMP e aliados (direita) 229 assentos. Os outros partidos tiveram de se contentar com os 34 assentos restantes: 17 para o Europa Ecologia-Les Verts (EELV), 10 para o Front de Gauche (extrema esquerda), 2 para o Front Nacional (extrema direita), etc. Conclusão: o bipartismo se impõe e com ele os limites da representatividade.

De fato, nesta eleição dos deputados, em junho de 2012, quase 45% dos eleitores (44,59%) não votaram, o que representa um recorde de abstenção. Os eleitores consideram a eleição legislativa como um simples voto de confirmação da presidencial destituída de verdadeiro desafio. Este fenômeno que favorece o abstencionismo é verificado cada vez que a eleição legislativa é organizada logo após a presidencial. Esta constatação revela um sistema em que a eleição do presidente adquire proporções desmesuradas e camufla os verdadeiros debates sobre as políticas alternativas.

O presidente socialista chega ao poder após 17 anos de ausência, sem beneficiar do “estado de graça” pós-eleitoral que geralmente ocorre nestas circunstâncias.

A alternância democrática é respeitada, mas resta aos eleitores franceses o gosto amargo de uma democracia sem fôlego, sem verdadeiras perspectivas de mudanças.

- O termo “bling-bling” vem do jargão hip-hop e designa as joias e os trajes de alguns “rappeurs”, mas também o estilo ostentatório e excessivo do modo de vida.
- Na França a expressão foi utilizada por alguns críticos para designar Nicolas Sarkozy e censurar o uso excessivo de sinais exteriores de riqueza no início de seu mandato (relógios ou óculos de sol de grandes marcas, a noitada no restaurante Fouquet’s no dia de sua eleição assim como as férias no iate de um milionário).
- “Bling-bling” equivale à expressão “gauche caviar” (= esquerda caviar) que designa as personalidades consideradas como afastadas dos meios populares e se dizendo de esquerda. É um neologismo dos anos 1980, utilizado pelos detratores de François Mitterrand, que ironiza a incapacidade de se seguir seu próprio discurso.